

Esculpir em mármore N 27/11/87 é a minha próxima etapa

— afirma Naftal Langa

«Quero trabalhar com mármore. Pretendo ir a Portugal por uns três meses aprender a trabalhar com esse material, mas não consigo sair tão cedo quanto desejaria. Se isso acontecer, no meu regresso vou fazer monumentos nos jardins onde passeiam crianças e namorados», — é Naftal Langa quem o diz. Escultor 54 anos, casado e pai de 10 filhos, ele é apontado por alguns críticos como sendo um dos destacados escultores moçambicanos de renome. A nossa rubrica «FIGURAS» é hoje preenchida com excertos do diálogo que com ele mantivemos.

«NOTÍCIAS» — Algumas pessoas dizem que o senhor é o segundo maior escultor moçambicano, logo atrás do Chissano. O que pensa disso?

NAFTAL LANGA — ... O Chissano foi o meu conselheiro. Ele é que indi-

ra da sua terra, Neves de Sousa, que sempre vinha lá no serviço. Era meu amigo e eu apoiava-me nele.

«N» — O que fazia no Centro de Informação e Turismo?

NL — Fui servente, desde 1965 a 82.

«N» — Por que saiu?

NL — Quando fomos independentes fiz uma exposição, em 1981 na URSS, Bulgária, RDA e Angola. Foi aí que eu vi o valor do meu trabalho.

«N» — Só em 1981 começou a acreditar que podia ter um lugar no mundo da arte?

NL — A saída ao exterior fez-me ver qual era o valor da escultura, duma pintura... da cultura! É daí que vi que tinha mais valor na arte do que como servente.

«N» — E quando começou a esculpir deixou de fazer pintura?

«**NL** — Deixei de fazer pintura. O Chissano encurtamente para a escultura porque viemos juntos de Gaza e trabalhamos juntos como criados nos quintais, antes de abraçar esta arte.

«N» — Disse que a pintura tinha a desvantagem de ser dispendiosa. Agora que pode arranjar materiais, voltará a pintar?

NL — Quando faço uma escultura inspiro-me mais do que numa pintura. Consigo mostrar ao público a minha inspiração. No desenho não posso mostrar tudo o que quero. Nunca mais voltarei a pintar! O Malangatana convida-me de vez em quando a desenhar. Ele e o Chissano não me abandonam, continuam meus conselheiros. A aprender algo de novo, só pode ser na cerâmica.

«N» — Fale-nos do Núcleo de Arte.

NL — Os artistas não dão valor ao «núcleo». São poucos os que participam nas reuniões e exposições. É por isso que não funciona. Não tem aquele valor que devia ter. Cada um prefere bater portas e ir vender. Não é mau, mas devíamos dar mais valor ao «núcleo».

«N» — O que sugere para que o Núcleo de Arte funcione?

NL — Falta uma pessoa que tenha conhecimento de arte que possa coordenar, orientar e fazer propaganda. Enquanto esse trabalho for feito por um artista, o «núcleo» não vai andar porque o artista precisa de fazer a sua própria vida.

«N» — O que pensa da «Horizonte Arte Difusão»?

NL — Embora seja uma empresa que está fora do Núcleo de Arte, consegue fazer andar a galeria. O problema dela é ser comercial, mas sabe dirigir um departamento que tem arte. Cabe à nossa estrutura fazer andar o «núcleo» porque sabe com certeza qual a ferida que está dentro dele.

Mesmo na Europa as galerias levam só 10 a 35 por cento. Não defendo a galeria nem afoco os artistas, mas as coisas de agora são caras. Os 50 por cento que cobra a galeria permitem-lhe fazer as suas despesas assim como outras coisas que se cobrasse 35 por cento não conseguiria.

«N» — Se eu fosse aprendiz e indagasse o que é necessário para triunfar na escultura, o que me responderia?

NL — É preciso trabalhar muito. Gostar da arte... ter muita iniciativa na cabeça. Pode saber esculpir mas se não tem iniciativa na cabeça não pode desenvolver. Uma pessoa que faz arte tem de ser responsável.



cou o caminho que devia seguir. Eu sempre gostei de trabalhar sozinho, mas fiz as esculturas que fazia para o atelier dele e o Chissano criava-me, assim como o Samate e o Malangatana.

«N» — Em que ano começou a esculpir?

NL — Em 1968. Na altura trabalhava no Centro de Informação e Turismo. Passei em casa do Chissano e ele convidou-me para ser escultor. Eu não queria, porque tinha queda para a pintura.

«N» — Quando lhe veio a febre pela pintura?

NL — Surgiu-me desde o tempo de criança, em Manjacaze. Na Missão de Mangunze era admirado pelos professores, que gostavam dos meus desenhos. Até o Padre Cunha ficou feliz comigo no exame da 4.ª classe porque consegui fazer uma mulher a pillar. Fui o único. Foi em 1947. Tinha na altura 13 ou 14 anos.

«N» — E depois?

NL — Mesmo crescido não deixei de desenhar. No Centro de Informação e Turismo sempre desenhava. Há um pintor angolano famoso que já está fo-